Virginia Woolf
Um Quarto só Seu

Uma mulher tem de ter dinheiro e um quarto
só seu para escrever

Penguin Clássicos Great Ideas

Um Quarto só Seu[*]

[*] Este ensaio baseia-se em dois trabalhos lidos na Arts Society de Newnham e na Odtaa em Girton, em outubro de 1928. Os trabalhos eram demasiado longos para serem lidos na íntegra, e foram desde então alterados e expandidos.

Um

Mas, poderão dizer-me, pedimos-lhe que falasse sobre mulheres e ficção — o que tem isso a ver com um quarto só seu? Vou tentar explicar. Quando me pediram para falar sobre mulheres e ficção, sentei-me na margem de um rio e comecei a pensar no que essas palavras significavam. Podiam significar simplesmente umas poucas observações sobre Fanny Burney; outras tantas sobre Jane Austen; um tributo às Brontë e um esboço do presbitério de Haworth coberto de neve; alguns ditos de espírito, se possível, sobre Miss Mitford; uma alusão respeitosa a George Eliot; uma referência a Mrs. Gaskell e a tarefa estaria concluída. À segunda vista, porém, essas palavras não pareciam assim tão simples. O título «Mulheres e Ficção» poderia referir-se, e talvez fosse essa a vossa intenção, às mulheres e à sua natureza; ou poderia referir-se às mulheres e à ficção que elas escrevem; ou poderia referir-se às mulheres e à ficção que se escreve acerca delas; ou poderia querer dizer que, de algum modo, os três tópicos estão inextricavelmente ligados e que esperavam que eu os considerasse a essa luz. Todavia, quando comecei a considerar o assunto sob a última perspetiva, que parecia a mais interessante, depressa vi que ela tinha

uma desvantagem fatal. Nunca seria capaz de cumprir aquele que é, no meu entendimento, o primeiro dever de uma conferencista — dar-vos, após uma peroração de uma hora, uma pepita de verdade pura que pudessem embrulhar entre as páginas dos vossos cadernos e depositar para sempre sobre a lareira. Só vos poderia oferecer uma opinião sobre um ponto menor — uma mulher tem de ter dinheiro e um quarto só seu para escrever ficção; e este ponto, como verão, deixa por resolver o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Enjeitei o dever de chegar a uma conclusão sobre estas duas questões — no que me diz respeito, as mulheres e a ficção continuam a ser problemas por resolver. No entanto, à laia de compensação, farei o que posso para vos mostrar como cheguei a esta opinião sobre o quarto e o dinheiro. Desenvolverei na vossa presença, o mais completa e livremente possível, a linha de raciocínio que me conduziu a este pensamento. Se desvelar as ideias, os preconceitos, que subjazem a esta afirmação, descobrirão talvez que eles têm alguma pertinência no que toca às mulheres e alguma no que toca à ficção. Seja como for, quando um assunto é muito controverso — e qualquer questão acerca do sexo é controversa —, não podemos ter a esperança de dizer a verdade. Podemos apenas mostrar como chegámos à nossa opinião, qualquer que ela seja. Podemos apenas dar a quem nos ouve a oportunidade de tirar as suas próprias conclusões enquanto observa as limitações, os preconceitos, as idiossincrasias da palestrante. Aqui, é provável que a ficção contenha mais verdade do que os factos.

Proponho, por conseguinte, fazer uso de todas as liberdades e licenças ao dispor de uma romancista, para vos contar a história dos dois dias que precederam a minha vinda aqui — para vos contar o modo como, ajoujada sob o peso do assunto que me foi posto aos ombros, o ponderei e o fiz entrar e sair do meu quotidiano. Será escusado dizer que o que estou prestes a descrever não tem existência; Oxbridge é uma invenção; assim também Fernham; «eu» não é mais do que um termo conveniente para designar alguém que não é real. Dos meus lábios brotarão mentiras, mas, entre elas, misturar-se-á porventura alguma verdade; cabe a vós procurar esta verdade e decidir se vale a pena guardar alguma parte dela. Se não for esse o caso, podem deitar tudo para o cesto dos papéis e esquecer o assunto.

Aqui estava eu então (tratem-me por Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael ou por qualquer outro nome que vos agrade — é uma questão irrelevante), sentada na margem de um rio, uma ou duas semanas atrás, perdida em pensamentos num bonito dia de outubro. O jugo de que falei — as mulheres e a ficção, a necessidade de chegar a alguma conclusão sobre um assunto que suscita toda a espécie de preconceitos e paixões — vergava-me a cabeça até ao chão. À esquerda e à direita, uma qualquer espécie de arbustos, dourados e carmesins, reluziam com a cor, dir-se-ia até que ardiam com o calor, do fogo. E, na outra margem, os salgueiros choravam em lamentos perpétuos, com o cabelo pelos ombros. O rio refletia o que quer que lhe apetecesse do céu e da ponte e da árvore ardente, e, depois de o caloiro ter atravessado os reflexos no seu barco a remos, estes

de novo se fecharam, completamente, como se ele nunca houvesse existido. Poderia ter aí ficado horas a fio, perdida em pensamentos. Os pensamentos — para lhes dar um nome mais orgulhoso do que mereciam — haviam lançado a linha ao rio. Esta volteava, minuto após minuto, para um lado e para o outro, por entre os reflexos e os limos, subindo e descendo ao sabor das águas até que… conhecem aquele pequeno sacão… a conglomeração súbita de uma ideia na ponta da nossa linha que depois recolhemos cautelosamente e pousamos com cuidado? Mas, ai, posto sobre a erva, como era pequeno, como era insignificante este meu pensamento; o tipo de peixe que um bom pescador devolve à água para que possa engordar e, um dia, valha a pena assá-lo e comê-lo. Não vos vou maçar com esse pensamento agora, conquanto o possam encontrar, se olharem cuidadosamente, no decurso do que vou dizer.

Porém, por pequeno que fosse, tinha, não obstante, a misteriosa propriedade da sua espécie — uma vez devolvido à mente, tornou-se de uma só vez muito excitante e importante; e enquanto rabeava e baixava, e lampejava aqui e ali, suscitou um tal marulhar, um tal tumulto de ideias, que se tornou impossível continuar quieta e sentada. Foi assim que dei por mim a caminhar com extrema rapidez por um relvado. Nesse mesmo instante, a figura de um homem ergueu-se para me intercetar. De início nem sequer me apercebi de que as gesticulações daquele objeto de aparência curiosa, trajando um fraque e uma camisa de cerimónia, se dirigiam a mim. O seu rosto expressava horror e indignação. Mais do que a razão, foi o instinto que veio em

minha ajuda; ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o relvado; ali era o caminho. Só os *fellows* e os académicos tinham autorização para estar aqui; o meu lugar era no caminho de saibro. Estes pensamentos foram a obra de um momento. Quando voltei ao caminho, os braços do bedel baixaram, o seu rosto assumiu o repouso habitual, e, embora seja melhor caminhar no relvado do que no saibro, não veio grande mal ao mundo. A única acusação que eu podia lançar aos catedráticos e aos académicos, qualquer que fosse a sua faculdade, era de que a proteção do seu relvado, aparado ao longo de trezentos anos consecutivos, tinha posto o meu pequeno peixe em fuga.

Qual fosse a ideia que tão audaciosamente me levara a trespassar, era coisa de que já não me lembrava. O espírito da paz baixou do céu como uma nuvem, pois, se o espírito da paz mora em algum lado, é nos pátios e nos quadrângulos de Oxbridge numa bonita manhã de outubro. Passeando por entre aquelas faculdades, ao longo daqueles átrios antigos, a rudez do presente parecia atenuar-se; o corpo parecia contido numa miraculosa redoma de vidro que nenhum som conseguia penetrar, e a mente, libertada do contacto com os factos (a menos que eu voltasse a trespassar e pisasse outra vez o relvado), sentia-se à vontade para pousar sobre qualquer meditação que estivesse em harmonia com o momento. Por um capricho do acaso, uma qualquer recordação transviada de um qualquer antigo ensaio sobre revisitar Oxbridge nas férias grandes trouxe-me Charles Lamb à ideia — Saint Charles, dizia Thackeray, levando uma carta de Lamb à testa. Com efeito, de entre

todos os mortos (apresento-vos os meus pensamentos tal como me foram chegando), Lamb é um dos mais congeniais; alguém a quem gostaria de ter perguntado: Diga-me, como foi que escreveu os seus ensaios? Pois os seus ensaios são superiores até mesmo aos de Max Beerbohm, pensei, a despeito da perfeição destes, por causa daquele lampejo selvagem da imaginação, daquele relâmpago de génio dentro deles que os deixa com falhas e imperfeições mas com estrelas de poesia. Ora, Lamb chegou a Oxbridge há talvez cem anos. É certo que escreveu um ensaio — escapa-se-me o título — sobre o manuscrito de um dos poemas de Milton que aí encontrou. Tratava-se talvez de «Lycidas», e Lamb escreveu que o chocava a ideia de que alguma palavra em «Lycidas» pudesse ter sido diferente das escolhidas. Pensar em Milton mudando as palavras daquele poema parecia-lhe uma espécie de sacrilégio. Isto levou-me a recordar o que pude de «Lycidas» e a divertir-me tentando adivinhar que palavra Milton poderia ter alterado, e porquê. Ocorreu-me então que o próprio manuscrito que Lamb consultara se encontrava a meras centenas de metros de distância, de tal modo que era possível seguir na peugada de Lamb ao longo do quadrângulo até àquela famosa biblioteca que guardava o tesouro. Além disso, lembrei-me eu enquanto levava a cabo este plano, é nesta famosa biblioteca que está também guardado o manuscrito de *Esmond*, de Thackeray. Os críticos dizem amiúde que *Esmond* é o romance mais perfeito de Thackeray. Mas a afetação do estilo, com a sua imitação do século XVIII, é um empecilho, tanto quanto me lembro; a menos que o estilo do século XVIII

fosse natural para Thackeray — um facto que poderia comprovar olhando para o manuscrito e vendo se as alterações haviam sido introduzidas em benefício do estilo ou do sentido. Mas então ter-se-ia de decidir o que é o estilo e o que é o sentido, uma questão que — mas neste ponto estava já diante da porta que conduz à biblioteca. Devo tê-la aberto, pois nesse mesmo momento, qual anjo da guarda a barrar-me o caminho, de traje preto roçagante em vez de asas brancas, saiu um cavalheiro reprovador, de cabelo grisalho e modos gentis, que, em voz baixa, enxotando-me com a mão, disse em tom de lamento que as senhoras só eram admitidas na biblioteca se acompanhadas por um catedrático ou se viessem munidas de uma carta de apresentação.

Que uma biblioteca famosa seja invetivada por uma mulher suscita a mais perfeita indiferença à famosa biblioteca. Venerável e calma, com todos os seus tesouros guardados a cadeado no seu seio, dorme complacente, e, no que me diz respeito, assim dormirá para sempre. Nunca acordarei aqueles ecos, nunca voltarei a solicitar aquela hospitalidade, jurei eu descendo as escadas, furiosa. Faltava ainda uma hora para o almoço, e que havia de fazer? Passear pelos prados? Sentar-me junto ao rio? Era sem dúvida uma linda manhã de outono; as folhas esvoaçavam vermelhas até pousarem no chão; fazer uma coisa ou outra não apresentava grande dificuldade. Chegou-me aos ouvidos o som de música. Decorria uma qualquer missa ou celebração. O órgão plangia magnificamente quando passei pela porta da capela. Até mesmo o sofrimento do cristianismo soava naquele ar sereno mais como lembrança

do sofrimento do que como sofrimento em si; até mesmo os gemidos do velho órgão pareciam sobrepor-se em paz. Não fazia tenções de entrar, ainda que tivesse esse direito, e desta vez poderia ter sido detida pelo sacristão, que talvez exigisse o meu certificado de batismo ou uma carta de apresentação do deão. Mas a fachada destes magníficos edifícios é muitas vezes tão bela quanto o seu interior. Além disso, era bastante divertido observar a congregação a reunir-se, a entrar e a sair outra vez, azafamada à porta da capela como abelhas à boca de uma colmeia. Muitos apresentavam-se de barrete e batina; alguns tinham abafos de peles sobre os ombros; outros eram empurrados em cadeiras de rodas; outros, apesar de ainda não terem passado a meia-idade, apresentavam, de tão enrugados e esmagados, formas de tal modo singulares que faziam lembrar aqueles caranguejos e lagostas gigantes que avançam a custo pela areia de um aquário. Quando me encostei à parede, a universidade parecia deveras um santuário que preserva tipos raros, que depressa se tornariam obsoletos se tivessem de lutar pela sua vida no passeio da Strand. Vieram-me à mente velhas histórias de velhos deões e de velhos professores mas, antes de ganhar coragem para assobiar — dizia-se que, ao ouvir um assobio, o velho Professor *** avançava logo a galope —, a venerável congregação já tinha entrado. Permanecia a fachada da capela. Como sabem, as suas altas cúpulas e pináculos podem ser vistos, como um veleiro sempre a viajar sem nunca chegar, acesos à noite e a milhas de distância, para lá das colinas. Em tempos, presumivelmente, este quadrângulo com os seus relvados regulares, os seus edifícios

maciços e a própria capela eram também um paul, onde os fios de erva balançavam e os porcos foçavam. Juntas de cavalos e bois, pensei eu, deverão ter vindo de países distantes puxando a pedra em carroças, e depois, com infinito labor, os blocos cinzentos cuja sombra me cobria foram equilibrados uns em cima dos outros por ordem, e depois os pintores trouxeram os vidros para os vitrais e os pedreiros ocuparam-se daquele telhado, séculos a fio, com betume e cimento, pá e esparavel. Todos os sábados alguém terá despejado uma bolsa de couro cheia de ouro e prata para os seus punhos vetustos, pois ao final do dia os pedreiros teriam presumivelmente as suas cervejas e o seu jogo da malha. Um fluxo interminável de ouro e prata, pensei eu, deverá ter sido perpetuamente investido neste pátio, para que as pedras estivessem sempre a chegar e os pedreiros sempre a trabalhar; para nivelar, para abrir valas, para cavar e para drenar. Mas vivia-se então a era da fé, e doou-se dinheiro liberalmente para assentar estas pedras numa fundação profunda, e quando as pedras se ergueram do chão, jorrou ainda mais dinheiro dos cofres de reis e rainhas e da grande nobreza, para garantir que aqui se cantariam hinos e os professores lecionariam. Cederam-se terras; pagaram-se dízimos. E, quando a era da fé chegou ao fim e começou a era da razão, o fluxo do ouro e prata perdurou; criaram-se bolsas de estudo; dotaram-se leitorados; só que o ouro e a prata jorravam agora não dos cofres do rei, mas das arcas de mercadores e fabricantes, das bolsas de homens que haviam feito a sua fortuna por exemplo na indústria e que, nos seus testamentos, devolviam uma parte generosa dessa riqueza

para dotar mais cátedras, mais leitorados, mais bolsas de estudo na universidade onde haviam aprendido o seu ofício. O que explica as bibliotecas e os laboratórios; os observatórios; o esplêndido equipamento de instrumentos caros e delicados que agora podem ser vistos em prateleiras de vidro, onde séculos atrás a erva balouçava e os porcos foçavam. A fundação de ouro e prata, enquanto deambulava pelo pátio, parecia certamente bastante profunda; o pavimento cobria solidamente as ervas selvagens. Homens de tabuleiro à cabeça passavam atarefados de uma escadaria para outra. Rebentos de cores vivas despontavam nas floreiras. A toada do gramofone tonitruava nos quartos. É impossível não refletir — a reflexão, qualquer que ela fosse, foi cortada cerce. O relógio deu as horas. Era tempo de me encaminhar para o almoço.

Os romancistas, facto curioso, têm o hábito de nos levar a acreditar que os almoços são invariavelmente memoráveis, graças a qualquer coisa muito espirituosa que se disse ou a qualquer coisa muito sábia que se fez. Mas raramente reservam algumas palavras para o que se comeu. Faz parte da convenção do romancista não mencionar a sopa nem o salmão nem os patos, como se a sopa e o salmão e os patos não tivessem qualquer importância, como se nunca ninguém fumasse um charuto ou bebesse um copo de vinho. Aqui, porém, tomarei a liberdade de desafiar essa convenção e de vos dizer que o almoço, nesta ocasião, começou com solhas, mergulhadas num prato fundo, sobre o qual o cozinheiro da faculdade espalhara uma camada de molho branquíssimo, só que marcado aqui e ali com manchas

castanhas, como as manchas nos flancos de uma corça. Depois vieram as perdizes, mas, se esta palavra vos sugerir um par de aves carecas e castanhas numa salva, enganam-se. As perdizes, muitas e variadas, chegaram com todo o seu séquito de molhos e saladas, o picante e o doce, cada um por ordem; as batatas, finas como moedas mas não duras como moedas; as couves-de-bruxelas, folhosas como rebentos de rosas mas mais suculentas. E, mal o assado e o seu séquito haviam sido consumidos, o criado, talvez o próprio bedel numa manifestação mais branda, pôs à nossa frente, numa coroa de guardanapos, uma sobremesa que se erguia, toda ela açúcar, das ondas. Chamar-lhe pudim e assim relacioná-la com o arroz ou a tapioca seria um insulto. Entretanto, os copos de vinho haviam reluzido em tons de amarelo e de carmesim; haviam sido esvaziados; haviam sido enchidos de novo. E assim, paulatinamente, acendeu-se, a meio da espinha, que é onde fica a alma, não aquela pequena luz crua elétrica a que chamamos brilhantismo, que lampeja e se esvanece nos nossos lábios, mas o brilho mais profundo, subtil e subterrâneo que é a chama rica e amarela do convívio racional. Não precisamos de nos apressar. Não precisamos de brilhar. Não precisamos de ser outro que não nós mesmos. Todos nós vamos para o céu e Vandyck acompanha-nos — por outras palavras, tão boa parecia a vida, tão doces as suas recompensas, tão trivial este ressentimento ou aquele agravo, tão admiráveis a amizade e o convívio com os nossos pares, enquanto nos afundávamos nas almofadas da conversadeira e acendíamos um bom cigarro.

Se, por um golpe de sorte, tivesse tido um cinzeiro à mão, se não tivesse deitado a cinza fora pela janela, se as coisas tivessem sido um pouco diferentes do que foram, não teria visto, presumivelmente, um gato sem cauda. A visão daquele animal abrupto e truncado a atravessar suavemente o quadrângulo mudou a minha inteligência emocional por um qualquer acaso feliz da inteligência subconsciente. Foi como se alguém baixasse uma cortina. Talvez o excelente vinho renano começasse a perder a sua força. Certo é que, enquanto observava o gato manês que se deteve no relvado como se também ele questionasse o universo, qualquer coisa parecia faltar, qualquer coisa parecia diferente. Mas o que estaria em falta, o que seria diferente, perguntei-me enquanto escutava a conversa. E, para responder a essa pergunta, tive de pensar em mim fora daquele aposento, de volta ao passado, mais concretamente aos tempos anteriores à guerra, e de pôr diante dos meus olhos o modelo de um outro almoço que decorrera em divisões não muito distantes destas; mas diferentes. Tudo era diferente. Entretanto a conversa prosseguia entre os comensais, que eram muitos e jovens, uns deste sexo, outros do outro; tudo corria às mil maravilhas, tudo corria agradavelmente, livremente, jocosamente. E, enquanto assim prosseguia, contrastei-a com aquela outra conversa, e ao sobrepô-las não tive dúvida de que uma era a descendente, a legítima herdeira da outra. Nada tinha mudado; nada era diferente, salvo apenas — aqui ouvi atentamente, não o que estava a ser dito, mas sim um murmúrio ou corrente por detrás. Sim, era isso — a mudança estava aí. Antes da guerra,

num almoço como este, as pessoas teriam dito precisamente as mesmas coisas, mas as palavras teriam soado diferentemente, porque nesses tempos eram acompanhadas por uma espécie de zumbido, não articulado, mas musical, excitante, que mudava o valor das próprias palavras. Seria possível transcrever esse zumbido? Talvez com a ajuda dos poetas. Ao meu lado estava um livro e, abrindo-o, dei com Tennyson por casualidade. E aqui descobri que Tennyson cantava:

There has fallen a splendid tear
From the passion-flower at the gate.
She is coming, my dove, my dear;
She is coming, my life, my fate;
The red rose cries, «She is near, she is near»;
And the white rose weeps, «She is late»;
The larkspur listens, «I hear, I hear»;
And the lily whispers, «I wait.»

Uma esplêndida lágrima caiu
Da flor-da-paixão no portão.
Eis que ela chega, minha rola, minha amada;
Eis que ela chega, vida minha, meu destino;
A rosa vermelha grita: «Está perto ela, perto»;
E a rosa branca chora: «Mas tarda»;
A esporeira escuta: «Oiço-a, oiço-a»;
E o lírio sussurra: «Espero-a.»

Era isto que os homens sussurravam nos almoços antes da guerra? E as mulheres?

My heart is like a singing bird
Whose nest is in a water'd shoot;
My heart is like an apple tree
Whose boughs are bent with thick-set fruit;
My heart is like a rainbow shell
That paddles in a halcyon sea;
My heart is gladder than all these
Because my love has come to me.

O meu coração é como uma ave canora
Que fez ninho num rebento orvalhado;
O meu coração é como uma macieira
Cujos ramos se vergam cheios de frutos;
O meu coração é como uma concha irisada
Que voga num mar tranquilo;
O meu coração rejubila mais do que todos
Pois o meu amor veio até mim.

Era isto que as mulheres sussurravam nos almoços antes da guerra?

Pensar que as pessoas sussurravam coisas destas, mesmo que em surdina, nos almoços antes da guerra era tão ridículo que desatei a rir, e tive de explicar o meu riso apontando para o gato manês, que parecia um tanto absurdo, de facto, pobre animal, sem cauda, no meio do relvado. Teria nascido mesmo assim ou perdido a cauda num acidente? O gato sem cauda, ainda que se diga que existem alguns na Ilha de Man, é mais raro do que se pensa. É um animal bizarro, mais peculiar do que bonito. Que estranho, a diferença que uma cauda faz — já sabem o género de coisas que se

dizem quando um almoço chega ao fim e as pessoas começam a procurar os casacos e chapéus.

Este almoço, graças à hospitalidade do anfitrião, prolongara-se tarde adentro. O bonito dia de outubro desvanecia-se e as folhas caíam das árvores na avenida que eu percorria. Atrás de mim parecia que se fechava, com amável finalidade, portão após portão. Inúmeros bedéis enfiavam inúmeras chaves em fechaduras bem oleadas; zelava-se pela segurança da casa do tesouro por mais uma noite. Depois da avenida, chega-se a uma estrada — não me lembro do nome — que nos leva, se virarmos à direita, até Fernham. Mas tinha muito tempo. O jantar era só às sete e meia. Quase podia dispensar o jantar depois de um almoço destes. Estranho como um fiapo de poesia nos fica a trabalhar na mente e nos põe as pernas a mexer-se ao seu compasso estrada afora. Aquelas palavras —

> Uma esplêndida lágrima caiu
> Da flor-da-paixão no portão.
> Eis que ela chega, minha rola, minha amada;

cantavam no meu sangue enquanto eu caminhava rapidamente na direção de Headingley. E depois, saltando para outra estrofe, cantei, onde as águas remoinham na represa:

> O meu coração é como uma ave canora
> Que fez ninho num rebento orvalhado;
> O meu coração é como uma macieira…

Que poetas, exclamei a bom som, como se exclama no lusco-fusco, que poetas eram estes!

Com uma espécie de inveja, suponho eu, pela nossa própria época, por tontas e absurdas que sejam estas comparações, perguntei-me de seguida se se conseguiria honestamente nomear agora dois poetas vivos tão grandiosos quanto Tennyson e Christina Rossetti o foram na sua. Compará-los, pensei eu, olhando para aquelas águas espumosas, é obviamente impossível. Se aquela poesia nos excita e conduz a tamanho abandono, a tamanho êxtase, é porque celebra um qualquer sentimento que tivemos no passado (em almoços antes da guerra talvez), de tal modo que reagimos facilmente, familiarmente, sem nos darmos ao trabalho de verificar esse sentimento ou de o comparar com qualquer outro que tenhamos agora. Já os poetas vivos expressam um sentimento que está a ser feito e arrancado de nós neste mesmo momento. De início não o reconhecemos; muitas vezes, por qualquer razão, receamo-lo; observamo-lo avidamente e comparamo-lo, com inveja e suspeita, ao velho sentimento que conhecíamos. Donde a dificuldade da poesia moderna; e é por causa desta dificuldade que não conseguimos recordar mais de dois versos consecutivos de nenhum bom poeta moderno. Por esta razão — por me falhar a memória —, o argumento esmoreceu por falta de material. Mas porque parámos nós, prossegui eu, avançando rumo a Headingley, de sussurrar em surdina nos almoços festivos? Porque foi que Alfred deixou de cantar

PENGUIN CLÁSSICOS *GREAT IDEAS*

1	Robert Louis Stevenson	*Uma Apologia do Ócio*
2	Virginia Woolf	*Um Quarto só Seu*
3	Sun Tzu	*A Arte da Guerra*
4	Mary Wollstonecraft	*Uma Vindicação dos Direitos da Mulher*

Ao longo da História, alguns livros tiveram o condão de mudar o mundo. Transformaram a forma como nos entendemos e nos relacionamos. Provocaram debates, ruturas, guerras e revoluções. Esclareceram, chocaram, provocaram e confortaram. Engrandeceram — e destruíram — vidas. Nesta coleção, damos a conhecer o trabalho dos grandes pensadores, pioneiros, radicais e visionários cujas ideias abalaram a civilização e ajudaram a trilhar o caminho que percorremos até aqui.

O fulgurante manifesto de Virginia Woolf sobre a criatividade feminina, o papel do escritor e o destino omisso da hipotética irmã de Shakespeare continua a ser uma chamada de atenção para a necessidade de independência financeira e liberdade intelectual para todas as mulheres.

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
penguinlivros
ISBN: 978-989-583-905-6